

O FEMININO EDUCADO E DISCIPLINADO: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA NO COLÉGIO SANTA TERESINHA.

Edivalma Cristina da Silva

Unifacex

edivalma@hotmail.com

RESUMO

Emerge o corpo feminino educado e disciplinado! O feminino, na primeira metade do século XX, foi inserido no processo educativo e por ele “construído” enquanto discurso, reforçando estereótipos femininos que o naturalizaram enquanto reprodutor, maternal e frágil. Delimitamos o Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus como recorte espacial, criado em 1925 na cidade de Caicó e elegemos a primeira metade do século XX enquanto recorte temporal visando olhar para o seu processo educativo feminino, o qual era transpassado por valores morais, sexuais e condutas exemplares. Em meio ao processo da modernização do complexo urbano, da liberalização do corpo e do aburguesamento da sociedade, o feminino é (re)pensado pelas tintas dos literatos, pelas penas dos juristas e pelos sermões religiosos, enquanto corpo “disciplinado”, “adestrado”, casto e puro. Nesse processo, o feminino é transpassado por redes saberes e poderes que legitimam e naturalizam o ideal feminino burguês: ser mãe, esposa e dona de casa; ideal que perpassava o processo educativo do Colégio Santa Terezinha de forma clara, como nos mostra as fontes. Logo, objetivamos dar visibilidade ao feminino e ao processo educativo no Colégio Católico Santa Teresinha com um olhar sob as relações de gênero, a análise discursiva e a educação feminina. Para isso utilizamos uma metodologia dialógica entre historiografia – local e pluridisciplinar – e fontes – fotografias, artigos do *Jornal das Moças* (1926-1932) e entrevistas de ex-alunas do Colégio Santa Terezinha – para dar corpo ao trabalho. O trabalho é “arrematado” pelos fios teóricos de Foucault para pensar os conceitos de disciplina, saberes e poderes e pelos fios teóricos na linha de gênero como Butler, Swain, Segato entre outros, visando pensar o feminino enquanto categoria de gênero legitimada, naturalizada e reproduzida pelo próprio processo educativo. Observamos que a educação feminina, na primeira metade do século XX, foi mediada pelo discurso burguês de ser mulher – religioso, jurídico e jornalístico – os quais voltavam à educação feminina para a disciplinarização do corpo, ligando-o ao privado através de suas “funções” domésticas e maternais. A própria grade curricular do Colégio Santa Terezinha abrangia cursos como Economia Doméstica e Educação Física, dentro da ordem moderna de (re)pensar *o corpo como medicalizado e disciplinado* para o bem casar e para servir a Pátria. Uma análise que extravasa os limites do campo educacional ao lançar possibilidades de questionamentos pluridisciplinares com outras áreas do conhecimento como antropologia, sociologia e a história.

PALAVRAS-CHAVE: Educação feminina, Caicó, Gênero e disciplinarização.

E A EDUCAÇÃO FEMININA É TECIDA...

A mulher vai à escola! Isso representa uma grande conquista em princípios do século XX. Ela adentra a modernidade e circula pela esfera pública. Mas, ela é educada, modelada e inserida em relações de saberes e poder que permitem sua transcendência do espaço privado, no entanto de forma moralizada, normalizada e disciplinada através de discursos moralizantes que a tecem ligadas ao maternal, a vida doméstica e ao privado. Tecida, disciplinada, fabricada. Então nos interrogamos: até que ponto vai essa “conquista”? Ela representa muito mais a reafirmação do lugar “comum” e “natural” do feminino na sociedade moderna e da mulher enquanto “o” sexo através de um projeto pedagógico conservador em princípios do século XX, como o do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, em Caicó/ RN.

O Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, pertencente à Congregação das Filhas do Amor Divino, surgiu a partir dos anseios de famílias *tradicionais caicoenses* junto ao cônego Celso Cicco, então vigário de Caicó, pela implantação de uma instituição destinada à educação feminina. O educandário nasceu da idealização da construção de um *Ginásio Seridó* que seria destinado à educação masculina, todavia, como o projeto não chegou a ser concretizado, resolveram então construir o referido educandário em seu lugar, direcionado à educação integral das meninas e moças caicoenses (Neto, 2002). Brito (2006, p. 01) acrescenta que o referido colégio – que teve seu nome recebido em homenagem à santa francesa que foi canonizada em 1925, ano da fundação do educandário – foi criado

por iniciativa conjunta do Bispo Diocesano de Natal, Dom José Pereira Alves, do cônego Celso Cicco e do Governador do Estado do Rio Grande do Norte, o caicoense José Augusto Bezerra de Medeiros. Nesse projeto, o Bispo Dom José Pereira Alves confiou a administração do Colégio às religiosas da Congregação das filhas do Amor Divino e a direção a Irmã Teresinha Werner.

Segundo Moraes (1999, p. 60) o colégio foi inaugurado no dia 15 de janeiro de 1926, em um espaço, ao redor do colégio, praticamente desocupado. Hoje a instituição funciona à rua Visitador Fernandes, 78, localizada no centro da cidade.

Embora atualmente o complexo educacional Santa Teresinha abranja desde o ensino primário até o ensino superior com a Faculdade Católica Santa Teresinha, sua criação dotou de problemas que praticamente impossibilitaram o seu funcionamento. Segundo Brito (2006), a reforma do prédio adquirido, a qual era uma residência, teve de ser reformada e

adaptada à arquitetura de um colégio, somente possível por terem a ajuda da sociedade caicoense, do cônego e do Governador do Estado, José Augusto Bezerra de Medeiros, uma vez que os recursos recolhidos a partir das mensalidades das alunas não eram suficientes para a manutenção e funcionamento do referido colégio (Brito, 2006).

O grande objetivo do Colégio Santa Teresinha era proporcionar uma educação feminina de tempo integral através de uma cultura sólida e a despertar convicções cristãs (EDUCANDÁRIO SANTA TERESINHA, 1947 *apud* BRITO: 2006, p. 02). Todavia o programa educacional do referido colégio contava não apenas com atividades curriculares, mas também extracurriculares como as aulas de canto, pintura, bordado e de economia doméstica. Assim acrescenta Brito:

Para exercitar a colegialidade como proposta de formação escolar e integral e despertar convicções católicas, as freiras da Congregação do Amor Divino procuram conjurar um programa de ensino primário com atividades escolares e extra-escolares. No âmbito das atividades colegiais escolares sobressaiam o ensino de Português (professores Aristéia Rodrigues, Hilariano Amâncio Pereira e Joaquim de Farias Coutinho), Francês (Irmã Teresina Werner), Inglês (Irmã Teresina Werner), Alemão (Irmã Teresina Werner), Música (Irmã Teresina Werner), Religião (Irmã Josefina e Irmã Ana) Desenho (Irmã Benjamina e Irmã Berchmana), Matemática (Irmã Constantina), Geometria (Irmã Constantina), Bordado, Corte e Costura (Irmã Benjamina e Irmã Berchmana). No plano das atividades extracurriculares, as alunas podiam estudar individualmente Canto, Pintura (Irmã Benjamina e Irmã Berchmana) e artes musicais como tocar piano, violão, violino (Irmã Constantina).

Segundo Souza (2008), a educação nesse contexto de modernização - em que se inseria não apenas a cidade de Caicó, mas várias cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Natal¹ - apontava para a formação moral enquanto pilar catolicista com base na concepção de corpo puro, disciplinado e higienizado. Logo, a chegada ao Brasil de várias congregações e ordens religiosas vindas da Europa, nas primeiras quatro décadas do século XX, reforçavam o ideário religioso de educar - através de uma política de controle dos movimentos, gestos e condutas - e formar o corpo vigoroso, puro e casto por meio, como mostra a autora, de manuais de educação para a castidade e manuais de conduta. Essa preocupação da construção de um corpo higienizado, casto e vigoroso perpassava não apenas pelos discursos religiosos, mas se constituíram em micropoderes difundidos através de uma

¹ É necessário ressaltar que a cidade de Caicó não viveu a modernidade e a modernização do complexo urbano na mesma intensidade que as grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Essa modernização se deu de forma tímida e também sobre as resistências, principalmente, das classes populares. Ver: ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó: uma cidade entre a recusa e sedução**. Dissertação (Mestrado em História) Natal: UFRN, 2007.

rede capilar de instituições (Foucault, 1993) – Jornais, Escolas, Igreja, Medicina, Família e a Justiça - que pensavam e teciam o feminino a partir do ideário burguês de feminilidade, moralidade e do corpo frígido e disciplinado.

Percebemos que artigos sobre educação, contenção e frigidez feminina se tornaram cada vez mais incidentes nas páginas do *Jornal das Moças*², instigando disciplinas para se “corrigir” a mulher que burlasse a “ordem” e reforçando, através de seus atos, a moralidade. A partir da análise discursiva do *Jornal das Moças*, percebemos a constituição de um regime de saber/ poder que o tece o feminino sedimentado em uma suposta “natureza” inata para a maternidade, passividade, submissão e fragilidade, ligada à capacidade reprodutora de seu corpo, desprovida de desejos e poço de uma emotividade “natural” ao “ser” feminino. A partir do artigo *Educação Feminina*, de Cortez (1926), veiculado pelo *Jornal das Moças*, percebemos que a educação torna-se um mecanismo social desse regime saber/ poder que justifica a necessidade de educar a mulher a partir do seu entrelaçamento com o privado, visando o seu aprimoramento na economia doméstica, no lar, na família e na própria sociedade. Segundo Cortez, nesse momento de modernização, a educação feminina

tem sido a maior preocupação dos espíritos elevados (...). Atualmente o preconceito da sociedade antiga de negar a mulher o direito da instrução, e reservar-lhe mente a mesquinha posição de escrava e o direito do sacrifício, tudo isso passou e a mulher ocupa hoje na sociedade moderna o lugar que lhe compete. Na época antiga quando Fenelon libertando-se das idéias de seus contemporaneos voltou às vistas para a educação feminina, foi bastante criticado pelos intellectuaes do seu tempo. O espírito notável de Condorcet atracou a uma idéa e interessou-se pelo importante problema. A semente foi lançada em terra fértil, fecundou e ahi o problema foi encarado com carinho e os seus beneficios hoje inconstestaveis. Educar a mulher é um importante problema da vida, humana. A mulher mãe e esposa precisa ser suficientemente educada para melhor dirigir o lar, educar os filhos guiando-lhes no caminho da formação do caráter., ensinando-lhes a pratica do bem e os deveres para com a patria, a família e a sociedade. Ainda perdura nos espírito de alguns Paes, principalmente dos que rezidem longe dos centros civilizados que a mulher não precisa de instrução, que apenas a aprendizagem dos trabalhos domesticos completa a sua educação.

Mandar uma filha para um collegio na capital, para aprender a usar roupa, vestir-se na moda, dançar o shimy e ser enfim uma boneca de salão. É verdade que sendo retirada a mulher de um meio obscuro, ella receba a influencia da moda, mas tambem muito beneficios mais accentuados ella receberá Estes fazem-se sentir desde o arranjo da casa de salão de bailes de

² O *Jornal das Moças* constituía-se em um jornal informativo e veiculador de notícias ocorridas em Caicó e no Brasil, tratando de fofocas, artigos, condutas, moda, instruções para as mulheres casadas e solteiras e entretenimentos. Consistiu em uma publicação semanal produzida por e para as mulheres da classe elitista. Sua circulação se deu entre 1926 e 1932, embora o LABORDOC/ UFRN (Laboratório de Documentação Histórica do Centro de Ensino Superior do Seridó/ UFRN/ Caicó) somente possua cópias das edições que circularam no ano de 1926. Sobre o *Jornal das Moças*, ver: NETO, Manoel Pereira da Rocha. *Jornal das Moças (1926-1932): Educadoras em manchete*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Natal: 2002. 153 f;

casa de diversões. É um grande erro confundir a mulher fútil com a mulher educada. A primeira é apenas uma escrava da moda, que além do rouge, pó de arroz, modas, é incapaz de ligar duas idéas. A mulher instruída experimenta os prazeres mundanos, anda chic, usa cabelos a l'agarsonne. E é esta mesma mulher que instrue, educa, distingue-se na sociedade como elemento superior, na família como mãe e esposa exemplar³.

O artigo de Cortez leva a sociedade caicoense à consciência da necessidade da educação feminina para as famílias e a sociedade ressaltando que o educar – adestrar – a mulher, tornando-a útil, mas não fútil, é imprescindível nos tempos modernos. A educação consiste em um mecanismo social de aperfeiçoamento e legitimação do feminino “educado” para a maternidade, o casamento e os serviços domésticos, mas também enquanto substituto do dote material. (Abrantes, 2006). É necessário inserir a mulher na modernidade através da educação, da moda, do vestir-se e portar-se condizente com o momento histórico vivido, mas disciplinando-o, cartografando-o, delimitando-o a partir dos papéis sociais e sexuais e da recorrente oposição discursiva entre fútil e útil, moral e imoral, atrasado e civilizado. Ao analisarmos o feminino atentamente percebemos de que forma as relações de poder produzem “verdades” e discursos “verdadeiros” sobre esse corpo, sobre o sexo e a sexualidade, imputando-lhe diferenças que acabam solapando-as em desigualdades entre os gêneros, através da produção de um corpo sexuado⁴.

A educação veiculada pelo Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, nas primeiras décadas do século XX, investe na produção do corpo através das disciplinas: o corpo é vigiado, controlado, fabricado através da produção maquínica da subjetividade⁵. Logo, como mostra Guattari (2005), a conexão entre as máquinas produtivas, as de controle social e as instâncias psíquicas influem na percepção de mundo do indivíduo e na subjetividade. Desenvolve-se uma relação do tipo trabalho material e semiótico em que várias instituições como a própria escola e a família intervêm na “fabricação” do homem e da mulher normalizados, inserindo-o em um ambiente maquínico através de vários mecanismos como os jornais, a fábrica, a rua, etc. Essa “fabricação” da mulher normalizada dá-se através do que Foucault elege como disciplinas.

A partir de Foucault (1995), pensamos que essa “fabricação” do homem e da mulher passa pelo adestramento do corpo, enquanto alvo do poder. As disciplinas se

³ CORTEZ, L. Educação Feminina. In: **Jornal das Moças**. Anno I. N. 15, 16 de maio de 1926. p. 02.

⁴ SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo, corpo e sexualidade. In: RIAL, Carmem Silvia Moraes; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Genealogias do Silêncio: Feminismo e Gênero**. Florianópolis: Ed mulheres, 2004. p. 183-193.

⁵ A produção maquínica da subjetividade é um conceito de Guattari, o qual mostra de que forma fabrica através de uma cultura em massa os indivíduos seriados, normalizados.

constituem em uma microfísica do poder que perpassa, de forma celular, toda uma rede de instituições que amarram o corpo no interior de poderes, lhe impondo limites, obrigações e proibições. Logo, se modela, se fabrica, se treina e se aperfeiçoam técnicas que definem o investimento político e detalhado do corpo através da “arte de talhar pedras”, trabalhando o corpo detalhadamente e

exercendo sobre ele uma correção sem folga, de mantê-lo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (...) O objeto em seguida do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. (...) Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade –utilidade, são o que podemos chamar de disciplinas. (1995: 138)

Dessa forma, a disciplina para Foucault constitui-se em uma anatomia do detalhe que visa tornar o corpo útil, dócio⁶ e inteligível, “fabricando” corpos submissos e manipulando gestos e comportamentos dentro de uma mecânica do poder: “Fabrica-se” indivíduos e lhes impõe uma vigilância hierárquica com controle intenso e contínuo sobre suas condutas e seus comportamentos; adestram-se corpos vigorosos, saudáveis: imperativo de moralidade.

A disciplina através do investimento no corpo nos é demonstrado através da fala de Antônia, de 69 anos, ex-aluna do educandário ao remeter a memória da rigidez educacional do colégio:

A educação no Santa Teresinha era muito rigorosa, agente tinha todo um respeito com as professoras e com a direção do colégio, sô ensinava freiras, mas freiras do Amor Divino, depois que começou pessoas, civis. (...) quando vinha uma freira agente tinha que se levantar, qualquer uma, podia ser da cozinha; agente tinha de se levantar e dizer: louvado seja nosso senhor Jesus cristo. A gente tinha todo respeito. Lá tinha um curso, lá no Santa Teresinha era oferecido o curso doméstico, a escola doméstica Darci Vargas que preparava as moças para a casa para ser dona de casa, para o lar. Lá ensinava bordado na mão, bordado na máquina, costura, tudo de economia doméstica, como se vestir, o colégio começou em 26.

⁶ Para Foucault, é dócio um corpo que pode ser utilizado, submetido, transformado e aperfeiçoado. Ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 118

Como mostra Antônia, as atividades extracurriculares voltavam-se para a formação da mulher para ser mãe, esposa e dona de casa, inserindo-a no ideário elegido por Mott e Maluf (2001) como a tríade feminina burguesa. Em princípios do século XX, a mulher é representada pelos discursos moralistas como representante da pátria e da família, a educadora e reprodutora de condutas e valores. Segundo Carvalho e Santana (2006) a educação da mulher é essencial porque é “ella [que] vai encarregar-se da formação do caracter dos nossos filhos, do desenvolvimento racional da saúde, da intelligencia, da vontade dos pequeninos seres de hoje, mas cidadãos d’amanham, responsaveis pelos destinos da pátria”. (FERNANDES *apud* CARVALHO; SANTANA: 2006, p. 05).

Esse adestramento do corpo perpassava pelas disciplinas curriculares, mas também pelas atividades extracurriculares, com horários e espaços bem delimitados. A educação física, política Varguista⁷, é inserida nos currículos escolares a partir da noção do *corpo medicalizado e disciplinado*. A partir de Oliveira (2005) percebemos que ao Estado, como também as instituições escolares, não era suficiente apenas o aprimoramento da alma e intelectual, mas também o físico, retirando do corpo as mazelas do atraso e inserindo-o na mecânica dos movimentos, dos gestos e das condutas. Observemos a foto abaixo:

FIGURA I

Posando para a foto: Estudantes do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus



Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa “Fotografia e Complexidade: itinerário norte-rio-grandenses”

⁷ Sobre a política varguista de higienização e disciplinação nas escolas através do Estado, ver: LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. São Paulo: Papyrus, 1989.

A partir da análise da foto percebemos a apresentação dos femininos medidos, regulados, disciplinados através da precisão dos movimentos, da simetria e ordem em que estão expostas na fotografia. As mãos fechadas sobre a saia representam o comedimento; uma posição ereta e olhares direcionados para o além. Todas elas estão com o fardamento completo e bem alinhado, de forma a mostrar a mulher como marca indelével da educação conservadora através da polidez dos comportamentos.

Essa mulher disciplinada deveria saber os dotes domésticos, saber se vestir, cozinhar, conversar, se portar, o que nos leva a afirmar que a educação, em princípios do século XX, se respaldava a partir dos novos valores burgueses de moralidade, feminilidade e corpo trazidos pela modernização do complexo urbano. Observamos que se o Colégio Santa Teresinha de um lado era representado pelo Jornal das Moças enquanto ícone do progresso e da modernidade, por outro lado, essa “modernização” pedagógica introduzida pelo referido educandário correspondia a um projeto de modernização conservador, naturalizando os papéis femininos reduzidos ao privado e legitimando “o” sexo feminino enquanto “natural” e imanente para a vida doméstica e maternidade. Esse caráter conservador da pedagogia do educandário é evidenciado por Neto (2002) ao mostrar que Georgina Pires, fundadora do Jornal das Moças (1926) não resistiu à metodologia conservadora do educandário, deixando o trabalho nesse estabelecimento de ensino. Acrescenta Neto que a passagem de Georgina pela citada instituição

foi efêmera, segundo depoimentos da filha Alcione Pires. Sua mãe atuou como professora aproximadamente cinco anos, pois Georgina Pires, após voltar da Paraíba com idéias escolanovistas, logo se deparou com a pedagogia tradicional das freiras, gerando atritos e discórdias. Salete Pires assinalou que a sua mãe era idealista e autêntica em suas idéias, por isso abandonou a instituição por não concordar com os métodos tradicionais das irmãs da referida congregação. Ninguém mandava nela. (2002: 83)

É pensando nesse corpo disciplinado e na legitimação de papéis naturais para o feminino – ideal burguês de feminilidade – que afirmamos que *o feminino é construído culturalmente e historicamente*, não sendo resultado causal do sexo, nem aparentemente fixo que nem o sexo⁸. Segundo Butler (2003), essa unidade e universalidade apresentada ao feminino e ao gênero em si representam significados culturais que são constituídos pelo corpo sexuado através de discursos “verdadeiros” e de práticas reguladoras que constroem modelos

⁸ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 24

binários para os indivíduos sociais, o que não reduz o gênero ao sexo. A própria produção do sexo, do feminino e do corpo deve ser compreendida enquanto *efeito* do aparato que chamamos de gênero, o qual “esconde” os mecanismos de sua produção.

A uniformidade do termo “mulher” passou a ser questionado, pois não é um termo permanente, nem estável⁹ uma vez que este estabelece interseções com modalidades de classe, etnias, raças, sexualidades entre outras, de forma que se tornou impossível pensar o gênero dentro de seu caráter relacional sem perceber os entrecruzamentos sociais, culturais e políticos que o constituem. Dessa forma, falar em feminino é pensar em estruturas de relações e poder, que estabelecem discursos e implementam hierarquias na sociedade através de uma pluralidade de sujeições, sejam elas étnicas, sociais, raciais entre outras. De acordo com Segato (1998) afirmamos que o gênero não se torna observável nem em uma ordem empírica, se o pensarmos enquanto constituídos como o registro em que os indivíduos se instalam ao adentram em redes de relações. Os papéis de gênero são resultantes de relações de poder, os quais são organizados pela estrutura através de símbolos, pelos quais o poder age minuciosamente.

Logo, percebemos que o Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus veicula a construção do feminino através de sua pedagogia educacional sedimentando papéis sexuais e de gênero, onde o homem é desenhado como o responsável pela família, trabalhador e livre para circular na esfera pública e a mulher, em contraposição, é tecida através de sua honestidade moral e sexual e reduzida ao lar na imagem de “reprodutora moral e sexual” dos filhos saudáveis que a Pátria precisa ter. Essas moças são ensinadas, principalmente através da criação da Escola Doméstica Darci Vargas, em 1943, no Colégio Santa Teresinha, a serem boas donas de casa, aprendendo várias atividades ligadas ao lar e a como ministrar a economia doméstica da casa. A mulher é polida e educada a imagem da Virgem Santíssima.

Essa delimitação de papéis e espaços para homens e mulheres se constitui enquanto efeitos de poder e de verdades reguladoras do gênero que segundo Swain (2004, p. 190) tem a heterossexualidade compulsória como o “mecanismo regulador de práticas e definidor de papéis restritos aos desenhos morfológicos e genitais dos homens e mulheres”.

De acordo com Colling (2004), o feminino vêm sendo pensado enquanto inferior e ligado a esfera reprodutora desde a antiguidade, onde o único sexo “existente” era o

⁹ Os estudos feministas a partir da década 1990 mostram a necessidade de desconstruir às formas de se pensar gênero a partir de uma esfera universal e universalizável, levando-nos a pensar em mulheres, femininos, homens, masculinos, sempre no plural, uma vez que trabalhamos com subjetividades, experiências e com o caráter relacional do gênero.

masculino, representações sentidas através de Platão, Hipócrates e Aristóteles. Colling acrescenta que a moral ocidental é fruto do encontro da filosofia grega e dos preceitos cristãos, onde a confluência e influência destes discursos acabaram por incrustar nas instituições polaridades e oposições que não são tão alheias aos conceitos modernos.

O projeto pedagógico do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus é condizente com o momento histórico em que ele é veiculado: a modernização do espaço citadino. Todavia percebemos que esse “progresso” trazido pelo educandário e vivenciado pela sociedade caicoense, não transcendia a reafirmação de papéis sexuais e de gênero para o feminino. A mulher continuava “amarrada” aos fios patriarcais que lhe estabeleciam limites, condutas e comportamentos, a ligando sempre ao privado. Uma conquista controlada e comedida pelos valores sociais e morais da época. Mas essa conquista também possibilitava a constituição de linhas de fuga subversivas dessa ordem patriarcal através de personagens como Georgina Pires. Essas linhas de fuga darão pano para um novo artigo, por enquanto vibremos: Viva a educação, viva ao feminismo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Elisabeth Souza Abrantes. O dote é a educação: mulher, instrução e sociedade em São Luiz no início da República. In: **Anais do Simpósio História da Família: Novas perspectivas, novos desafios**. Ponta Grossa: 2006. Disponível em: www.anpuh.uepg.br/xxiisimposio/anais/textos/ELIZABETH%20SOUSA%20ABRANTES.pdf. Acesso em 05/02/2009;

ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó: uma cidade entre a recusa e sedução**. Dissertação (Mestrado em História) Natal: UFRN, 2007. 151 f;

BRITO, Paula Sônia de. O programa escolar e extra-escolar do Colégio Santa Teresinha no Menino Jesus (Caicó-RN, 1925-1928). In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação**. Goiânia: 2006. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo03/Paula%20Sonia%20de%20Brito%20-%20Texto.pdf. Acesso em: 05/02/2009;

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;

CARVALHO, Denis Barros de; SANTANA, Janaina Macêdo. A educação da Mulher: Criação da Escola Doméstica e a modernização da cidade de Natal no início do século XX. In: **Anais do IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI**. Teresina: 2006. Disponível em: www.ufpi.br/mesteduc/eventos/ivencontro/GT10/educacao_mulher.pdf. Acesso em: 05/02/2009;

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: Vontade de Saber**. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997;

_____. **Microfísica do poder**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1995;

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 7ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005;

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. São Paulo: Papyrus, 1989;

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade de Caicó em sua dinâmica espacial**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1999;

MOTT, Maria Lúcia; MALUFF, Marina. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da vida privada no Brasil** (República: da Belle Époque a era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 2001;

NETO, Manoel Pereira da Rocha. **Jornal das Moças (1926-1932): Educadoras em manchete**. Dissertação. (Mestrado em Educação). Natal: 2002. 153 f;

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. “FORA DA HIGIENE NÃO HÁ SALVAÇÃO”: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. In: **MNEME – Revista de Humanidades**. V. 04, N. 07. Caicó: UFRN/CERES, 2003. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed7/033-p.htm>. Acesso em 07/06/2007;

_____. Há Va(r)gas na escola: O discurso higienista e a limpeza da infância escolar nos anos 20 e 30. In: DANTAS, Eugênia; OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Cidade e região: múltiplas histórias**. João Pessoa: Idéia, 2005;

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. **Série Antropologia**: UNB, 1998;

SOIHET, Raquel MATOS, Maria Izilda S de (Orgs.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003;

SOUZA, Bernardina Santos Araújo de. Os manuais de conduta e a escrita feminina no início do século XX: O que desvelam as narrativas? In: **Anais da 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Educação**. Caxambu: 2008
Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4967--Int.pdf. Acesso em: 05/02/2009;

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo, corpo e sexualidade. In: RIAL, Carmem Silvia Moraes; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Genealogias do Silêncio: Feminismo e Gênero**. Florianópolis: Ed mulheres, 2004. p. 183-193.